

Capítulo 1

Amelia

Os casamentos são uma seca. Ou melhor, são uma seca se fores solteira e demasiado medrosa para socializar. Ou se tiveres a autoestima em frangalhos, depois de descobrires que o teu marido não se limitava a ditar textos à secretária de vinte e três anos. Ou se estiveres tão mal de dinheiro que o teu cartão de crédito pede misericórdia enquanto pagas o presente mais barato da lista fornecida pelos noivos no Bloomingdale's.

E o que acontece quando tudo isto é verdade? Os casamentos são ainda piores. Se pudesse, teria faltado e ficado em casa a comer *ramen* e a assistir à última temporada de *Bridgerton*. Mas este não é um casamento qualquer, é o da minha melhor amiga, Emily Gregor. É difícil faltar a um casamento quando és a madrinha e, além disso, adoro a Emily demais.

Somos melhores amigas há catorze anos, apesar de sermos completamente diferentes. Ela é uma daquelas herdeiras da alta sociedade, linda e extrovertida, que namorou uma série de homens ricos e bem-sucedidos antes de conhecer o Tucker, o marido. Eu, por outro lado, estou quase falida e casei-me com o meu namorado do secundário quando concluí a universidade.

Foi o meu primeiro e único amor, e pensava que íamos ficar juntos para sempre. Até descobrir o caso com a secretária. Após quinze anos de

lealdade, admito que isso acabou com parte do encanto. Acompanhei-o pelo país fora, apoiando-o na sua carreira, mas descobri que o perdi para uma loura ambiciosa, com seios grandes e um anelar a implorar por um diamante.

Apesar disso, não vou ser cínica, especialmente hoje. Recuso-me a trazer essa energia negativa para o copo-d'água da minha melhor amiga, e não permito que uma má experiência me faça ver o amor como uma coisa amarga. Se assim fosse, ele teria vencido por completo.

De qualquer modo, aquilo que perdi com o meu marido foi compensado pela amizade. Eu e a Emily sempre fomos próximas, mas ela aproximou-se ainda mais durante o colapso do meu casamento. Juntamente com a minha mãe e a Kimmy, minha amiga de infância, e senti-me rodeada de *girl power*. Elas foram uma espécie de Spice Girls a todo o gás, apoiando-me em tudo, oferecendo-me desde caixas de gelado enormes até propostas para contratar um assassino. Se usar este vestido lilás desconfortável e ver outras pessoas aos beijos num casamento é o preço a pagar pela amizade da Emily, então é um excelente negócio. A pechincha do século.

Pego no copo de champanhe e bebo-o de um trago enquanto observo os casais felizes a conviverem no salão e na pista de dança. Bom, parecem felizes, mas se há uma coisa que aprendi no último ano, é que as aparências iludem.

No entanto, quando vejo a Emily e o Tucker, sorrio. Ficam lindíssimos juntos, ambos altos, louros e vestidos de branco. Mas a coisa mais bonita é a forma como ele a olha enquanto a faz rodopiar. Como se fosse a única rapariga no universo. É como todas as mulheres se querem sentir, e penso que nunca a vi tão feliz.

Por fim, a Emily encontrou o verdadeiro amor e, apesar dos meus problemas recentes com o sexo masculino, estou muito feliz por ela. Se alguém merece encontrar um príncipe encantado, é a Emily. Teve de beijar muitos sapos, sapos giros e ricos, é claro, mas um sapo é um sapo, independentemente do dinheiro que tenha no banco.

Chegámos àquela altura da noite em que toda a gente está bêbeda, muito bêbeda, ou inconsciente debaixo de uma mesa. As crianças estão exaustas depois de horas a cirandar pela pista de dança em roupas

elegantes, e a Emily e o Tucker vão partir em breve para a lua de mel em Itália. A organização dos lugares, tão bem planeada, foi por água abaixo, e os jovens solteiros estão metidos num ritual de acasalamento baseado na dança. Assemelha-se ao jogo das cadeiras; contudo, beijas quem estiver na cadeira ao lado.

Mantenho-me afastada porque não tenho qualquer intenção de beijar um desconhecido. Não possuo a energia nem a confiança exigidas por tal jogo. Ao que parece, ser traída deixa marcas sérias na autoestima de uma mulher, e caí no hábito de me autorrejeitar antes que um homem o faça.

Se ao menos a Kimmy tivesse vindo. A minha melhor amiga de infância teria garantido que eu me divertia a sério. Pelo menos, até encontrar a pessoa a quem iria dedicar-se pelo resto da noite. Infelizmente, ser diretora jurídica de uma empresa internacional de investimentos significa que as emergências de trabalho não podem ser delegadas noutra pessoa.

Mas aproveito a solidão da melhor maneira possível, refugiando-me numa mesa ao fundo da sala. Todos recebemos crachás com os respetivos nomes no início do copo-d'água porque a Emily conhece um milhão de pessoas e queria que todos se apresentassem. Foi uma ideia engraçada, mesmo que tenha dado a alguns homens a desculpa ideal de olhar para as mamas das mulheres durante demasiado tempo. Já arranquei o meu e estou distraída a rabiscá-lo com os lápis de cera dos copinhos destinados a entreter os mais novos. E, ao que parece, a madrinha de casamento.

A mesa abana ligeiramente quando alguém se senta ao meu lado, e o movimento brusco faz com que a minha mão estremeça. Quando me viro, pronta para forçar um sorriso e dizer o que for necessário para me livrar do meu novo companheiro, fico com a mente em branco. Esqueço-me dos lápis de cera, da dança e dos pés doridos. Até dos problemas de saúde da minha mãe, das dificuldades financeiras e do traidor do meu ex-marido. Esqueço-me de tudo, porque o homem sentado ao meu lado é tão atraente que apaga os outros pensamentos.

Inspiro fundo e desejo ter mais champanhe. Se tivesse, brindaria a este homem e ao deus que o criou. Os parabéns são mais do que merecidos. Ele é alto mesmo sentado, com ombros largos e musculados, e o rosto... Uau.

O rosto pertence a uma daquelas estátuas pós-renascentistas de um anjo caído, com os ângulos apenas suavizados pela curva pecaminosa dos lábios. O cabelo é escuro e forte, e o maxilar está coberto por uma barba espessa, mas bem aparada. Adoro barbas, especialmente tão bem cuidadas como a dele.

Como a maioria dos convidados do sexo masculino, está de fato, mas usa-o como se tivesse nascido assim. Não é apenas o aspeto incrível, mas também o cheiro. Parece um ataque brutal aos sentidos. Talvez tenha uma voz tipo Rato Mickey para compensar o facto de o resto ser tão perfeito. Observo-o com tanta intensidade que ele deve estar a perguntar-se se vim com algum cuidador, e quando sorri, afogou-me no calor e na intensidade dos seus olhos castanhos. Meu Deus, este homem é mais quente do que um passeio em Nova Iorque sob o sol de julho. É pena que eu tenha perdido a capacidade de falar. Só espero não me babar.

— Peço desculpa, não queria incomodar-te quando estás tão ocupada.

A voz é grave e mais suave do que chocolate. Caramba. É oficial, ele tem o pacote completo de qualidades irresistíveis. Faz um gesto em direção à mesa, e coro quando percebo o que está a dizer. Fantástico. Este homem incrivelmente atraente apanhou-me a desenhar rosas no verso do meu crachá com um lápis de cera. Sou tão sofisticada.

— Oh! Não faz mal. Não é que esteja a anotar a cura para o cancro ou um compromisso para o secretário-geral da ONU. Limitava-me... a colorir.

— Colorir? Disseram-me que isso faz bem. Prende a nossa atenção, ou algo do género.

Parece divertido, e quem o pode culpar? Este homem é demasiado bonito, e mostra muita classe. Parece tão à vontade neste ambiente quanto me sinto deslocada. Aposto que não tem tempo nem necessidade de atividades «plenas» na sua vida.

Talvez — murmuro. — Queres experimentar?

A resposta é uma gargalhada profunda, e pondero esbofetear-me. *Que fixe, Amelia. Que charmosa.*

— Obrigado, mas estou bem assim. Só procurava um sítio tranquilo para poder observar as pessoas.

— Eu também. Gosto mais de observar as pessoas nestes eventos do que de me misturar com elas.

Ele arqueia uma sobrancelha, e sinto-me ainda mais estúpida. Raios, de onde é que isto veio? Não costumo falar sem pensar, mas algo neste homem parece ter dado uma marretada nos meus filtros habituais.

— Ali — digo, tentando distraí-lo. — O casal feliz.

Ele segue o meu dedo, e vemos o Tucker e a Emily a rodopiar, como um borrão de branco.

— Sim — responde, abanando a cabeça. — O casal feliz.

Há algo no seu tom que contradiz as palavras, e olho-o com perspicácia.

— O que quer isso dizer? Eles *são* felizes — insisto, sentindo-me a protetora do casal neste dia especial.

Quem vai a um casamento para dizer disparates sobre os noivos? Não me interessa o quão atraente ele seja, é má educação.

Ele ri suavemente, com os cantos dos olhos enrugados de uma forma que o torna ainda mais atraente.

— O que quero dizer é que parecem muito felizes agora. Mas...

— Mas? — questiono, irritada; contudo, um pouco intrigada pela sua falta de etiqueta. — Não acreditas no casamento?

Ele passa a língua pelo lábio superior e pondera.

— Acho que apenas não acredito em finais felizes... sejam de que tipo for — responde, encolhendo os ombros. — Como podemos dizer a alguém que é «para sempre»? Nada dura para sempre.

Pestanejo. Ele fala a sério? Passámos o dia a celebrar o compromisso de duas pessoas para o resto das suas vidas. Podia pelo menos fingir que acredita no amor verdadeiro durante umas horas. Nem eu sou assim tão cínica, e tenho todos os motivos para ser.

— Deduzo que nunca te tenhas casado.

— Não, mas estive perto. Há um milhão de anos.

Ele olha para a minha mão esquerda, agora despida. Continuo a habituar-me a essa sensação, mesmo sabendo que a aliança já desapareceu há quase um ano. É como aquelas histórias sobre pessoas que sofreram amputações; deixam uma dor fantasma no seu lugar.

— E tu? — pergunta ele.

Engulo em seco, nervosa. Será que quero abrir esta caixa de Pandora? Ou prefiro pedir desculpa educadamente e fugir para voltar a ficar sozinha?

Ele parece genuinamente interessado no que estou prestes a dizer, e lembro-me de que preciso de voltar a viver, de tornar a interagir com o mundo exterior e aceitar que o que tive naquela vida antiga já não existe. Tenho de construir uma nova e sólida.

Fugir da primeira vez que um homem atraente fala comigo não é um bom começo.

Que se lixe, já bebi quatro copos de champanhe, e não tenho nada melhor para fazer esta noite. Não me interessa juntar-me ao frenesim de acasalamento na pista de dança e não posso ir-me embora até a Emily e o Tucker se despedirem. É regra para a madrinha de casamento.

— Sim, já fui casada — digo, sem o olhar nos olhos.

Ele inclina a cabeça.

— E já não és?

— Não. — A palavra sai num sussurro áspero, e surpreendo-me com a onda de emoção no peito. Há muito que sei da traição do Chad, e o divórcio ficou concluído há duas semanas. Vivemos separados durante onze meses, e os nossos mundos, antes unidos, são agora diferentes. Já o devia ter ultrapassado, não é? Prometi a mim mesma que não daria mais nada de mim àquele homem. Que não iria desperdiçar mais lágrimas nem energia a pensar nele e na sua noiva. E agora, aqui estou, a falar com um estranho atraente e a pestanejar para afastar a dor.

Ele repara quando tento desviar o olhar. Tenho a sensação de que é o tipo de homem a quem nada escapa.

— Lamento — diz, e soa sincero. — Mas acho que isso apenas comprova o que quis dizer.

— Não. Há muitos casamentos que duram — argumento, na defensiva. — Só porque o meu ex-marido era um cabrão infiel não quer dizer que todos os homens o sejam.

— Ou todas as mulheres — contrapõe ele, franzindo a sobrancelha, com um sorriso que alivia o ambiente. Também me traz uma dor aos ovários, o que não achava ser possível. — Os homens não monopolizaram o mercado da infidelidade, embora admita que temos a maior fatia.

Como te chamas, *rosa*? — Toca com o dedo indicador nas flores que decoram o meu crachá cheio de padrões coloridos. — Gostava de saber com quem estou a debater.

Debater? É o que estamos a fazer? Até gosto da ideia. Sinto-me mais adulta e menos desastre emocional. Talvez não tenha lidado com esta interação de forma tão desastrosa como pensava.

Viro o crachá, certificando-me de que o meu nome continua oculto.

— Era Amelia — anuncio, com determinação. — Mas estou a pensar mudar. Esta noite, quero ser alguém completamente diferente. O que achas?

Ouçó o ronronar da minha voz, e surpreendo-me. Não costumo ser sedutora. Estive com o meu marido desde os dezasseis anos, por isso, é algo que nunca aprendi. Estou a improvisar.

— Acho que é sempre divertido experimentar algo diferente. Ver o que acontece. Qual será o novo nome?

Penso no assunto.

— Estou dividida entre Scarlet e Portia. Algo muito glamoroso.

— Hum... Prefiro Scarlet.

Ele inclina-se sobre a mesa e sorri de uma maneira que faz o meu coração palpitar.

— Nesse caso, fica Scarlet. É uma ótima escolha, sabes? A Scarlet é uma mulher de negócios rica, solteira e independente, com um jato privado e uma casa nos Hamptons. É confiante, atrevida e consegue sempre o homem que quer.

Deixo-me embalar pela invenção da Scarlet, e gostava de ter pelo menos uma parcela da sua autoconfiança.

— Tenho a certeza de que sim — responde ele, lançando-me um sorriso tortuoso que me fascina. — E compreendo o entusiasmo de ser outra pessoa por uma noite. Deixar de lado o resto, todas as expetativas, e reinventares-te.

— Exato! Eu sou... Bem, normalmente não sou esse tipo de pessoa. Aquela que se atira de cabeça. Mas a Scarlet é. É uma descarada.

— Estou a ver — diz, a rir-se. — Acho que eu e a Scarlet nos vamos dar muito bem.

— Talvez. Reparei que não usas crachá. Como te chamas?

Ele enfia a mão no bolso e tira um crachá amolgado. Larga-o em cima da mesa e vejo o nome «Charlie» escrito a marcador.

— Mas aviso-te, Scarlet — atira, com os olhos escuros fixos nos meus. — Este também pode não ser o meu nome verdadeiro. Talvez te tenha visto do outro lado do salão e decidido vir falar contigo. Talvez nem sequer tenha sido convidado para este casamento.

Sinto os lábios a tremer com a intensidade do seu olhar, e dou por mim a observar-lhe a boca, imaginando-a fechada sobre a minha. Não. Deve estar a brincar. Homens como ele não olham duas vezes para mulheres como eu, muito menos invadem um casamento só para se aproximarem. Mas decido deixar que as coisas sigam o seu rumo. Afinal, é o que a Scarlet faria.

— Prazer em conhecer-te, *Charlie* — digo, estendendo a mão para o cumprimentar.

— O sentimento é recíproco, Scarlet — responde suavemente, enquanto me envolve os dedos com os seus.

A sua pele é quente, e reparo que a mão é enorme, engolindo a minha. O toque da sua pele, misturado com aqueles olhos intensos, provoca-me uma onda de excitação. Este homem é a personificação do sexo, e o meu corpo vibra em resposta. Ele solta-me e recosto-me na cadeira, observando-o enquanto percorre o meu rosto com os olhos. A sua atenção recai nos meus seios por alguns segundos; porém, como um verdadeiro cavalheiro, não se demora ali. Abre a boca como se fosse falar, mas somos interrompidos por alguém que se senta na cadeira ao meu lado.

O cheiro forte a uísque invade-me as narinas, e sinto um braço pesado a estender-se sobre o meu ombro, a mão a acariciar-me a pele exposta. Reviro os olhos porque sei quem é o novo companheiro de mesa, e não estou nada satisfeita. O Charlie levanta uma sobranceira, divertido, antes de eu me virar para observar o nosso novo amigo.

— Sabes que, se o padrinho e a madrinha forem solteiros, é tradição ficarem juntos? — sussurra-me, arrastando as palavras.

— Olá, AJ — respondo, suspirando para o chato do irmão mais novo do Tucker. — Acho que não é assim que funciona.

— Claro que é.

Ele aproxima-se, olhando para o meu decote e fazendo beicinho para pedir um beijo. De certeza que é inofensivo, mas assusto-me com o mau hálito e a sua expressão imprudente. Porque acharão os homens este tipo de comportamento aceitável? Está bêbedo; no entanto, não serve de desculpa. Se não estivéssemos num casamento, seria capaz de lhe dar uma bofetada.

Assim, afasto-me e tento evitar o contacto sem causar escândalo. Ele está prestes a aproximar-se para tentar outra vez quando o Charlie lhe agarra no braço.

— Desculpa, AJ — diz, suavemente. — Mas a Scarlet não está livre. Esta noite, ela está comigo.

O AJ parece confuso por uns instantes, talvez a perguntar-se quem é a tal Scarlet, mas tem um sorriso parvo na cara e um olhar vidrado que me diz que amanhã não se lembrará de uma palavra desta conversa. Pode, no entanto, precisar urgentemente de um saco para vomitar e de alguns comprimidos *Advil*.

O Charlie levanta-se, estendendo-me a mão. Olho para a mão e depois para o resto do corpo. Meu Deus, ele é muito alto. Podia escalá-lo como se fosse uma árvore.

Sorrio e entrelaço os dedos nos dele, deixando-o guiar-me até à pista de dança apinhada. A banda toca uma música lenta e sensual, e antes que tenha tempo de pensar, ele agarra-me pela cintura.

— Obrigada — digo-lhe, sentindo um rubor nas faces enquanto nos movemos ao som da música. É uma dança, mas parece muito mais do que isso. Tenho as ancas pressionadas contra as dele, e as suas coxas grossas são quentes e firmes. — Pelo resgate.

— De nada. A Scarlet teria de certeza resolvido a situação. Podemos voltar a sentar-nos assim que estiveres a salvo do teu pretendente. Se quiseres, é claro.

O calor do seu corpo firme irradia através do tecido sedoso do meu vestido e, somado ao toque dos seus dedos na cintura, provoca-me um caos no raciocínio. Como pode uma mulher pensar com clareza quando um homem como ele está tão próximo? Pouso as mãos nos seus ombros largos e estendo as pontas dos dedos, sentindo a firmeza dos músculos sob o fato impecável.

— Na verdade, gosto muito de dançar. Acho que não danço assim há anos. Ou talvez nunca o tenha feito.

Coro outra vez e repreendo-me por ser tão aberta com um desconhecido. Estamos no meio de um jogo que não envolve revelar pormenores íntimos sobre a minha vida patética.

— Ah, sim? — Encara-me de olhos semicerrados. — O teu marido não dançava contigo?

— Ele não era muito bom dançarino. — Encolho os ombros. — Ao contrário de ti.

Raios! Cala a boca, Amelia. Lembra-te, és a Scarlet. Sê a Scarlet.

Ele volta a rir-se baixinho, e o som penetra-me fundo nos ossos.

— Bem, tive aulas quando era mais novo. A minha mãe insistiu.

— Ainda bem — respondo, encostando-me a ele.

Tenho plena consciência da sua mão quente a deslizar pela minha lombar. Ele puxa-me para mais perto, os nossos olhares cruzam-se, e a intensidade do seu faz com que me seja impossível desviar os olhos. Não que queira desviá-los. Só quero dançar, perder-me nos seus olhos, sentir a sua respiração a tocar-me a pele enquanto rodopiamos na nossa bolha. Levo os dedos ao cabelo espesso na sua nuca e pergunto-me que raio se passa comigo. Contudo, ao pousar a cabeça no seu peito e inalar a fragrância irresistível do perfume, percebo que não interessa o que se passa comigo. Estou apenas feliz.